

Alice e o mistério das palmeiras



Cartilha de Educação Ambiental

Cartilha de educação ambiental do Projeto “Agroflorestar: cooperando com a natureza” (www.agroflorestar.com.br).

Coordenação: Associação dos agricultores agroflorestais de Barra do Turvo e Adrianópolis (Cooperafloresta) (www.cooperafloresta.com.br)

Patrocínio: Petrobras, por meio do Programa Petrobras Socioambiental

Texto: Walter Steenbock

Revisão: Eliziana Vieira de Araújo

Projeto gráfico e ilustrações: Claudio Leme

Barra do Turvo, 2015

Apresentação:

Há muito tempo atrás, muita gente morava em uma pequena ilha no meio do Oceano Pacífico, que ficou conhecida como Ilha de Páscoa. Como era de se esperar em uma ilha tão distante, o povo que morava lá criou suas próprias regras e costumes. Para os seus primeiros habitantes, a ilha representou uma renovação da vida. Mais de mil anos depois, a falta de cuidado acabou dominando a solidariedade e a relação com a natureza. Em uma ilha sem solidariedade, a vida humana ficou muito difícil e a civilização que ali havia se estabelecido veio a acabar.

Hoje, temos ouvido que o mundo inteiro é uma ilha. Podemos ficar conectados com qualquer parte do mundo, usando o celular, a televisão ou a internet. Pessoas do mundo inteiro tem se acostumado a viver quase que mais ou menos da mesma forma, com regras e costumes muito parecidos. No meio dessa forma de viver “globalizada”, existe também muita falta de cuidado: falta cuidado com as pessoas, com a terra, com a água, com os animais, com as plantas e até com as coisas. Será que essa falta de cuidado também ameaça a nossa vida nesta “ilha”, o nosso planeta?

Se a resposta a essa pergunta for positiva (como acreditamos que seja), é urgente que procuremos novos hábitos e formas de nos relacionarmos com os outros e com a natureza.

Produzir alimentos junto com o plantio de florestas, no mesmo pedaço de terra, sem usar agrotóxicos e adubos químicos, é um desses caminhos.

Cada vez mais agricultores e agricultoras vêm apostando no plantio e manejo agroflorestal, que procura usar as forças da natureza como parceiras – e não como inimigas – para a produção de alimentos. Como entre essas forças a solidariedade e a troca são fundamentais, estes agricultores têm praticado cada vez mais estes valores, também entre as pessoas. A experiência do Projeto “Agroflorestar: co-operando com a natureza”, coordenado pela Cooperafloresta e patrocinado pela Petrobras (através do Programa Petrobras Socioambiental), vem demonstrando isso. Hoje, já são centenas de agricultores e agricultoras em assentamentos e comunidades rurais do Paraná e São Paulo que assumiram a agrofloresta como forma de produzir e de viver.

Essa cartilha conta uma estória. A estória de como Alice enxergou a Ilha de Páscoa, e de como ela aprendeu que a agrofloresta é uma imensa renovação na forma de lidarmos com os outros e com a natureza. Estórias são contos, são inventadas. Mas essa estória acontece em meio a duas histórias. Histórias lidam com fatos reais que aconteceram ou estão acontecendo. A história da Ilha de Páscoa, referenciada aqui, é baseada no que diversos historiadores acreditam que aconteceu com a civilização que morava lá, a partir de estudos de arqueologia, botânica, antropologia, ecologia e várias outras ciências. A história de agricultores agroflorestais de assentamentos do litoral do Paraná, também referenciada aqui, é real e está acontecendo neste momento, podendo ajudar a trazer sementes para que os filhos dos filhos dos nossos filhos vivam em paz, abundância e solidariedade em nossa ilha planetária.

Como usar esta cartilha?

Essa cartilha pode ser utilizada de duas formas.

Uma delas é usá-la como um livro, para ser lido e fazer pensar e refletir, como qualquer livro se propõe a ser.

A outra forma de uso dessa cartilha é fazer dela um texto de orientação de conversas e trocas de ideias, para aplicação por professores, alunos, extensionistas e lideranças comunitárias, em escolas ou em reuniões na comunidade. Para quem quiser usar a cartilha dessa forma, são propostos, ao final, quatro blocos de perguntas e atividades que podem ajudar no debate.

A ideia é trabalhar com cada bloco em momentos diferentes.

Em cada bloco, o ideal é propor que os participantes respondam a cada pergunta separadamente, trazendo as respostas gradativamente para o debate. As últimas perguntas de cada bloco se referem a atividades que podem ser desenvolvidas pelo grupo.



Esse avião que não chega... pensava Alice, olhando pela janela e só vendo mar, mar, mar... já estavam a mais de quatro horas voando, e nada de terra, nada de ilha. Tinham saído de Santiago, no Chile, de manhã bem cedinho. Estavam vindo de Curitiba, no Paraná, ela, sua mãe Lia e seu pai Chico, rumo à Ilha da Páscoa. De Páscoa, não da Páscoa, dizia seu pai.



- Por que a ilha tem nome de Páscoa? Onde moram os coelhos? Como eles fazem os ovos? Como eles saem da ilha pra levar os ovos de chocolate nas casas do mundo inteiro? Como é a fábrica dos ovos?

Seus pais falavam de estátuas grandes e de um vulcão que tinha por lá...

- São estátuas de chocolate? O vulcão pode explodir? Ou será que é lá dentro a fábrica? - perguntava Alice.

- Que fábrica, filha?

- Dos ovos de páscoa, é claro!!! Talvez ela esteja escondida no vulcão... mas será que o calor do vulcão não derrete o chocolate?

- Olha lá, Alice! A Ilha de Páscoa!

Alice esticou o pescoço, grudou o rosto na janelinha do avião e viu, finalmente, uma ilha pequenininha ir ficando cada vez maior, maior...até que o avião pousou nela.

Queria logo sair para explorar a ilha. Tinha dito para suas amigas que ia postar as fotos de todos os coelhos que achasse e já estava com a câmera pronta. Além do mais, na outra semana era a Páscoa. Não a Páscoa, ilha. A Páscoa mesmo, de verdade. Ia passar com as primas, no sítio do avô, e tinha dito pra elas que ia levar os ovos, direto da fábrica, pra não dar trabalho para os coelhos.

Mas, pra variar, tudo tem hora certa. Aliás, só coisa boa tem hora certa. Ninguém fala que tem hora certa pra coisa ruim... Tinham que ir até a pousada, se

instalar no quarto, deixar as malas, almoçar e só depois ir passear.

- Calma, Alice, vamos ter três dias pra passear aqui! - dizia sua mãe - a ilha nem é tão grande assim, se tiver algum coelho ou alguma fábrica de ovos de chocolate, vamos achar!

Foram recebidos por Juanita e Pablo, donos da pousada e que também moravam ali, com sua filha Anahy. Os três foram levá-los ao quarto. Alice e Anahy já ficaram amigas. Anahy falava castelhano (o espanhol falado nas Américas), mas Alice conseguia entender, porque sua bisavó era uruguaia e, mesmo morando no Brasil, só falava castelhano em casa.

Anahy é que não entendia direito o que Alice falava. Mas, é pra isso que servem os braços, a cabeça e todo o corpo, afinal: se não se entende a língua, a gente faz gestos, faz mímica, até que o outro entenda. E Alice começou a perguntar pelos coelhos e pelos ovos, e pela fábrica de chocolate, usando todos os gestos que podia. Mesmo assim, Anahy não entendeu bem aquele teatro todo...

Bem, de qualquer forma, já tinham se instalado e almoçado. Era hora de conhecer a ilha. E tinham que ir logo, para aproveitar o máximo da tarde.

Junto com o guia Hokulê, de nome estranho e um sorriso grande e cheio de dentes sempre no rosto, foram conhecer Rano Raraku. Rano Raraku é uma cratera de um vulcão extinto. Hokulê explicou que um vulcão extinto é um vulcão que não joga mais lava nem fumaça pra fora, porque já está com sua boca tapada. "Ah, então não tem problema do calor derreter os ovos de chocolate, se a fábrica estiver lá dentro", pensou Alice.



A cratera de um vulcão não é bem um buraco qualquer. Pra chegar nela, tem que subir pelo lado de fora até o topo da parede, e depois descer. E tanto a cratera quanto as paredes são bem grandes. Ranu Raraku, de uma parede a outra, tem mais de 500 metros. E a parede é íngreme, dando uma boa canseira pra subir.

Alice ficava de olho no caminho, pra ver se tinha algum vestígio de coelho ou de chocolate. Quando chegaram, o que tinha dentro da cratera não era coelho nem fábrica de chocolate, mas um monte de estátuas! Umas tantas já prontas, outra ainda dentro das pedras das paredes do vulcão, como que tivessem sido começadas, mas não acabadas. Hokulê disse que ali eram ao todo 397 estátuas, chamadas de Moais. E que na ilha toda tinham mais ou menos 1000 moais.

Os Moais não eram estátuas comuns, dessas que enfeitam as praças. Eram estátuas de cabeças de gente de orelhas compridas,

no alto de uma barriga sem braços, bem mais altas que as pessoas. A maior delas tinha 20 metros de altura, do tamanho de um prédio de 5 andares. Hokulê disse que elas pesavam de 10 mil a 270 mil quilos!

- Onde estão os coelhos e a fábrica de chocolate? - perguntou Alice à Hokulê.

Hokulê abriu ainda mais seu sorriso e disse que as estátuas espantaram os coelhos dali.

Foi aí que Alice ficou indignada! Quem, em sã consciência, ia fazer tanta estátua de cabeças enormes de gente, pra espantar os coelhos da Páscoa? Mas Hokulê não respondia, só ria.

Depois, Hokulê explicou que essas estátuas foram esculpidas há centenas de anos, e que eram uma forma de homenagear os ancestrais, os deuses e as pessoas mais importantes das várias famílias que moraram ali.

Nada de coelho, mas muita estátua. Alice passou a tirar um monte de fotos das estátuas. E não tinha nenhuma rindo. Todas tinham lábios grandes, mas eram todas muito sérias. "Mas o que será que essas estátuas estão olhando? Se eu fosse um coelho, não ia mesmo ficar aqui, com tantas caras grandes olhando sério não se sabe para o quê", pensava Alice, ainda procurando pra ver se via algum buraco no chão aonde coelhos pudessem se esconder.

Vendo Alice a procurar, Hokulê veio para perto dela, junto com sua mãe, e acabou falando aquilo que virou sua grande decepção:

- Menina, preciso te dizer uma coisa: a Ilha de Páscoa tem esse nome não porque os coelhos da Páscoa moram



aqui, nem porque existe aqui alguma fábrica de ovos de chocolate. Ela tem esse nome porque foi avistada por um explorador holandês, em 1722, justamente num domingo de Páscoa. Então, ele chamou a ilha, que já tinha outro nome para o povo daqui, de Ilha de Páscoa. E foi só isso. E o nome pegou, lá na Europa e depois no mundo todo.

Lia e Hokulê ficaram cheios de pena de Alice, que encheu os olhos de lágrimas. Seus pais já tinham dito alguma coisa parecida, mas ela não tinha dado atenção. Uma tristeza do tamanho do mundo começou a tomar conta de Alice.

- Mas eu tenho uma pergunta pra você, que parece ser uma grande detetive - disse Hokulê.

Alice ficou curiosa e até um pouco animada em parecer uma detetive.

- Essas estátuas pesam milhares de quilos. E foram transportadas e colocadas em pé, não só aqui em Ranu Raraku, mas em toda a ilha. Como você acha que isso foi feito?

- Ora, com guindastes! - respondeu Alice.

- Mas isso foi feito há muito, muito tempo. Ainda não haviam inventado os guindastes, nem os carros, nem os caminhões, nem os tratores. Não havia nenhum tipo de motor...

- Já sei! - disse Alice - eles usaram bois ou cavalos!

- Só há algumas décadas começaram a trazer bois, cavalos e ovelhas pra cá. - respondeu Hokulê.

Alice pensou, pensou... nem todos os homens queoubessem segurando as estátuas conseguiriam levantá-las. Aí, lembrou de quando brinca de gangorra e respondeu, tendo certeza de que estava certa:

- Eles usaram troncos de árvores e cordas para fazerem alavancas e apoios! Foi isso!

- Pois isso é o que quase todo mundo acha que aconteceu também. Mas você viu árvores na ilha, com tronco grosso, que pudessem servir de apoio para transportar ou mover as estátuas?

Alice olhou em volta e nada de árvore. Nem uma árvore. Tinha só arbustos. Pra não contar mentira, até tinha umas arvorezinhas do tamanho de uma pessoa adulta, mas os troncos eram muito finos, mais parecendo arbustos. Estava tão preocupada em achar os coelhos que não tinha percebido que praticamente não tinha árvores na ilha. "Como é que pode um lugar sem árvores?!".

- Deve ter árvores do outro lado da ilha!

- Por aí, até tem uns cantinhos com uma florestinha começando a crescer e alguns plantios de fruta pão e de palmeira...mas também foram plantadas há pouco tempo.

- Ahá! Então, com certeza tem árvores e florestas em alguma ilha aqui perto!

- Aqui perto tem três pequenas ilhas, bem pequenininhas, que também não tem árvores. Depois, só as ilhas Pitcairn, na Polinésia, que até tem árvores, mas ficam a 2.000 km daqui.



- Ué, eles fizeram canoas e foram buscar árvores lá!

- E fizeram canoas de que madeira? E Hokulê abriu de novo um sorriso muito grande, desafiando Alice:

- Então, detetive? Não sabe a resposta?

- Tá, não sei. Pode dizer!

Hokulê agora gargalhava.

- Mas, minha menina, eu também não sei! Ninguém sabe!!!! Talvez, você, sendo uma grande detetive, descubra!!!

Não é que essa era uma pergunta difícil mesmo! Mas tinha que ter alguma resposta! Alice agora já nem pensava mais nos coelhos. Decidiu que nos próximos dias iria achar árvores grossas, florestas



antigas ou qualquer pista que desvendasse aquele mistério.

Quando chegaram na pousada, Alice foi procurar Anahy, pra saber se ela tinha a resposta. Mas já era muito tarde, ela já estava dormindo. Pensou em levar ela junto no passeio do dia seguinte, mas Pablo disse que ela tinha prova na escola, e não podia faltar.

♡♡♡♡

- Acorda Alice, Hokulê já está nos esperando!

Alice tomou um suco e comeu umas bolachas bem rapidinho, enquanto sua mãe preparava um lanche para levar no passeio. Já no caminho, Hokulê perguntou:

- Então, menina, descobriu a resposta?

Alice balançou a cabeça...

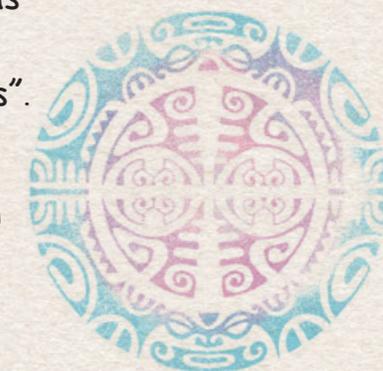
E seguiram para Terevaka, a montanha mais alta da ilha. Hokulê disse que lá de cima dava pra ver a ilha muito bem. Quase chegando no topo, procurando pistas pelo chão, Alice achou algo que parecia uma faca feita de pedra. Perguntou para Hokulê o que era aquilo, e ele confirmou que era uma faca antiga, bem antiga. De vez em quando, turistas bem observadores, como Alice, achavam algo parecido.

- Parabéns, Alice! Você é mesmo muito atenta! E por que você acha que tem facas por aqui?

- Era aqui que os moradores de antigamente tomavam café?

- Talvez seja! - respondeu Hokulê, cheio de graça - Mas alguns acreditam que essas facas eram usadas pra fazer canoas, pois Terevaca quer dizer "lugar onde fazer canoas".

- Então eles faziam canoas! Viu? E era com essas canoas que eles iam buscar árvores em outras ilhas! E com



os troncos dessas árvores que eles transportavam e colocavam as estátuas de pé!

- E cadê as árvores para fazer as canoas?

Alice pensou bastante e respondeu:

- Só tem uma explicação: aqui tinha muita árvore, senão o lugar não teria esse nome. Afinal, como o "lugar onde fazer canoas" teria esse nome, se não houvesse árvores para fazer essas canoas? Fizeram tantas canoas que acabaram com todas as árvores. Aí, as canoas quebraram ou estragaram, e não tinha mais árvore para fazer outras. Foi isso!

- É mesmo, Alice, faz sentido! Mas será que essas árvores não produziam semente? Por que se foi isso que aconteceu, e as árvores eram tão importantes, alguém deve ter lembrado de guardar alguma semente, ou ao menos de cuidar de mudinhas até elas crescerem. Não é?

Hokulê parecia ter razão... que mistério! E foi olhando pra cima, coçando o queixo e pensando nesse mistério que Alice tropeçou numa pedra e torceu o pé.

♡♡♡

- AAAAAAiiiiiii! Tá doendo muito! - gritou Alice.

Vendo o tornozelo de Alice inchando, Chico e Lia acharam melhor voltar e levá-la ao posto médico da ilha.

Hokulê examinou Alice, dizendo que isso era muito comum acontecer, com tanta pedra por ali. Volta e meia alguém torcia o pé e era isso que tinha acontecido mesmo. Buscou umas

folhas de uma plantinha com um nome bem diferente, amassou bem e colocou no tornozelo de Alice. Depois, enfaixou com seu casaco.

- Agora, é só ficar com o pé para cima, que até amanhã de noite vai melhorar! - disse Hokulê.

- Mas e nosso passeio de amanhã? Ainda não descobri o mistério das estátuas!

- Mas não vai ser caminhando com o pé torcido que você vai descobrir, não é mesmo? - disse Chico, já carregando Alice - vamos voltar, descansar e amanhã veremos o que fazer.

No dia seguinte, o pé de Alice estava desinchado, mas ainda doía pra caminhar. Chico e Lia estavam pensando em ficar na pousada, junto com ela, quando Anahy e Juanita apareceram na porta.

- Pode deixar que nós cuidamos dela! - disse Juanita - afinal, hoje aqui é feriado, Anahy não tem escola e elas podem brincar juntas. Assim vocês podem passear!

Alice adorou a ideia, já pegando uma das bonecas que Anahy trazia nas mãos.

E foi no meio da brincadeira que Alice perguntou para Anahy se ela tinha alguma ideia de como os antigos moradores da ilha tinham transportado e erguido os Moais, aquelas estátuas grandes e carrancudas.

- Quem sabe contar essa história é minha avó, abuela Bakai. Daqui a pouco ela está aqui, hoje é dia dela nos visitar - disse Anahy.

- Então sua avó sabe mesmo o que aconteceu?



- Ela fala sobre um sonho, sobre palmeiras e sobre golfinhos....
- E o que isso tem a ver com as estátuas?
- Mais uma amiga curiosa com os Moais? perguntou uma velhinha alegre, cheia de amor nos olhos, entrando no quarto.
- Abuela! Que saudades! - disse Anahy, abraçando a avó.

Anahy apresentou Alice à avó, contando que ela tinha vindo atrás de coelhos de páscoa, mas agora estava querendo mesmo é saber do mistério das estátuas e que tinha até torcido o pé por causa disso...

- Coisa de aventureira, hein? - comentou a avó Bakai para Alice, toda prosa.

Alice se ajeitou na cama daquele jeito que todo mundo fica quando quer ouvir histórias da avó. E abuela Bakai se sentou no pé da cama, daquele jeito que toda a avó fica quando vai começar a contar uma história. E começou:

- De vez em quando eu tenho um sonho. Sonho com uma palmeira, bem pequenininha, que vai crescendo, crescendo... e fica muito grande, mais alta que o Moai mais alto da nossa ilha. E então essa palmeira me aperta em um abraço, com suas folhas. Me aperta tanto que eu acordo, quase sem ar. E quando acordo, me lembro do meu avô contando uma história, que ele ouviu do avô dele.

Antigamente, nessa ilha não morava ninguém, além de grandes pássaros, que descansavam por aqui quando atravessavam o mar. Um dia, vindo de muito longe, de um lugar onde não havia mais felicidade, chegou aqui Hotu Matu'a, o Grande Pai, com sua esposa, seis filhos e mais alguns familiares.

Hotu Matu'a tinha certeza que tinha achado uma

terra boa para criar seus filhos, e para construir um novo lar. A ilha era cheia de vida. Era cheia de árvores. Todas elas cresciam debaixo de grandes palmeiras. A esposa de Hotu Matu'a tinha trazido algumas galinhas e mudas de cana de açúcar, de banana e de taro, uma espécie de mandioca. As mães não viajam pra longe sem pensar em como a família vai comer, não é mesmo?

Hotu Matu'a cortou algumas palmeiras para fazer suas casas. A cobertura foi feita com as folhas das palmeiras que, bem trançadas, eram muito resistentes ao vento e não deixavam água passar. Entre as palmeiras, plantou as mudas. E as mudas cresceram bem, protegidas do calor e do vento. Perceberam que plantar no meio das palmeiras era muito bom. Na primeira colheita de taro, decidiram fazer uma estátua, para agradecer aos deuses a chegada numa terra tão boa. Então, convocou a família para fazer o que seria o primeiro Moai. Depois da estátua entalhada no chão, a família de Hotu Matu'a levantou-a e a colocou de pé, usando alavancas feitas com a madeira das palmeiras. Você já brincou de gangorra? Sabe como funciona uma alavanca?

- Aha! Eu até tinha imaginado isso, mas Hokulê disse que não era possível, pois



não havia árvores grossas na ilha!

- Não há árvores grossas na ilha. Não mais. Mas quando Hotu Matu'a chegou, tinham muitas árvores. Tantas que ninguém pensou que um dia elas iriam acabar.

O tempo foi passando e foram nascendo os netos e os bisnetos de Hotu Matu'a. Depois os netos dos bisnetos. Além da cana de açúcar, da banana e do taro, a comida na ilha de vez em quando tinha carne das galinhas. Uma vez, quando estavam todos com muita fome, um dos membros da grande família de Hotu Matu'a resolveu ir caçar pássaros, pois já tinha enjoado de comer carne só de galinha. Amarrou uma pedrinha pontuda na ponta de uma vara, fazendo uma lança, e foi

para as pedras mais altas da ilha, onde os maiores pássaros fazem seus ninhos. Foi sozinho, bem cedo. Não contou para ninguém aonde ia. De noitinha, sua mãe já estava muito preocupada, pois não tinha visto o filho o dia todo. Foi quando ele chegou, quase não aguentando carregar todos os pássaros que tinha conseguido caçar. Naquela noite, a janta foi ensopado de pássaros. E todo mundo ficou muito feliz, pois agora podiam comer outra carne além de galinhas. Resolveram, então, erguer um outro Moai em homenagem ao corajoso caçador, reservando um dos melhores lugares da ilha para ele fazer a sua casa, quando casasse.

E o tempo, que não para, continuou a passar. Um dia, enjoado de comer carne só de galinhas e pássaros, alguém resolveu ir pescar. Mas, na ilha, não dava pra pescar, pois em todas as nossas praias o mar é muito bravo. E foi feita uma canoa, de uma palmeira. Corajosos aventureiros passaram as ondas e não voltaram naquele dia e nem no outro. Suas mães já choravam a perda dos filhos, quando finalmente eles apareceram no horizonte. Quando chegaram à praia, estavam com a canoa cheia de golfinhos. E, naquela noite, a janta foi golfinho assado. E todo mundo ficou muito feliz, pois a carne era muito boa e cada golfinho dava muita carne.

De novo, ficaram muito felizes com os aventureiros que trouxeram os golfinhos, erguendo um Moai em sua homenagem e reservando o melhor lugar da ilha que ainda sobrava para suas casas, quando casassem.

Caçar golfinhos passou a ser uma atividade comum. Muitas canoas





foram feitas de palmeira e muita gente ia caçar.

Num outro dia, alguém apareceu com facas que brilhavam no sol e eram muito resistentes. Eram facas de metal. Aquilo parecia um tesouro precioso! Imagina chegar com facas tão brilhantes num lugar onde não tinha nada de metal! Quem trouxe as facas foi quem cuidava das galinhas. Ele disse que viu, perto da ilha, um barco muito grande. Pegou sua canoa e foi até lá. Levou metade das galinhas no barco para oferecer aos marinheiros, caso eles fossem malvados quisessem matá-lo. Acabou deixando as galinhas com eles em troca daquelas facas. Pra falar a verdade, ninguém estava muito interessado na estória, estavam mais é admirados com aquele tesouro. E ficaram felizes com o cuidador de galinhas.

- Já sei... e fizeram um Moai pra ele também! □ disse Alice.

- Como é que você sabe? - respondeu abuela Bakai.

- Imaginei!

- E, a cada coisa que alguém fazia, que era diferente e muito importante para os outros, erguia-se um Moai em sua homenagem e lhe destinavam os melhores lugares para morar.

O que começou como símbolo de gratidão, porém, acabou virando desejo. Todo mundo queria ter um Moai erguido para si. E com o desejo veio a inveja. Quem ajudava a erguer um Moai, já não fazia sempre com tanta boa vontade, só imaginando porque aquele Moai não era para ele... E, com a inveja, começaram as discussões e as brigas. E, com as brigas, a grande família de Hotu Matu'a começou a se separar. Uns foram para uma ponta da ilha, outros para outra, pra não se verem mais.

- Só que aqui é uma ilha, e nem é tão grande, não é mesmo? Você já foi em Terevaca, nossa maior montanha? perguntou abuela Bakai.

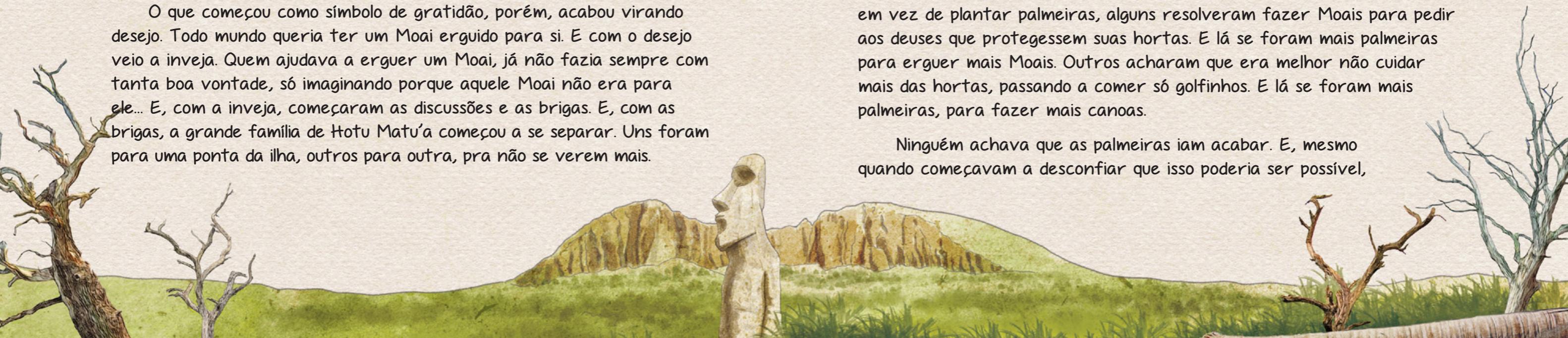
- Sim, foi lá que torci o pé! - respondeu Alice.

- De lá, dá pra ver quase toda a ilha, não é?

Mesmo não se vendo todo dia, em uma ilha pequena dá pra saber o que o outro está fazendo. E, quando a inveja é maior do que o amor e um quer mostrar para o outro que vive melhor, as pessoas gastam muita energia pra tentar fazer isso, mesmo que a vida não esteja tão boa. Foi assim que cada grupo, em cada lugar da ilha, começou a construir seus próprios Moais. E já não faziam isso só por gratidão a alguém, mas para que os outros grupos vissem seus Moais e ficassem com inveja. Se um grupo fazia um novo Moai, outro fazia dois, ou fazia um maior, só pra responder.

Quanto mais Moais, mais palmeiras eram cortadas. Você já reparou como aqui venta? Às vezes, venta muito forte. Muito forte mesmo. No começo, isso não era um problema tão grande. As palmeiras protegiam as casas e as hortas. Quando as palmeiras foram diminuindo, o vento fazia secar as plantas de taro, de cana e mesmo as bananeiras. Então, em vez de plantar palmeiras, alguns resolveram fazer Moais para pedir aos deuses que protegessem suas hortas. E lá se foram mais palmeiras para erguer mais Moais. Outros acharam que era melhor não cuidar mais das hortas, passando a comer só golfinhos. E lá se foram mais palmeiras, para fazer mais canoas.

Ninguém achava que as palmeiras iam acabar. E, mesmo quando começavam a desconfiar que isso poderia ser possível,



o desejo e a inveja logo levavam embora estes pensamentos. E as palmeiras acabaram. E sem a proteção das palmeiras, as hortas e as outras árvores começaram a secar.

- Ninguém teve a ideia de guardar sementes de palmeira? Ou de proteger as mudinhas que ainda tentavam crescer? - perguntou Alice.

- Eu ainda não falei, mas junto com a inveja, também vieram os ratos. No começo, não tinha ratos aqui. Talvez eles tenham vindo em algum barco, de viajantes que muito de vez em quando paravam por aqui pra descansar. Os ratos adoraram as sementes das palmeiras, que passaram a ser seu principal alimento. Quanto menos palmeira tinha, mais os ratos disputavam suas sementes. E as mudinhas que conseguiam nascer, sem a proteção das árvores maiores, secaram com o vento.

E veio a fome, e com a fome as doenças. Um dia, chegou aqui um navio e todos esperavam ansiosos por ajuda. Mas eles não vieram ajudar. Sequestraram todos que não estavam doentes e os levaram como escravos. Ficaram aqui muito poucos da grande família de Hotu Matu'a, que tinha começado há mil anos. E ficaram os Moais. Quando olho para eles, me parece que eles estão tristes e arrependidos, como que olhando para trás, pensando que tudo poderia ter sido diferente, se não fosse a inveja e a falta de cuidado.

E abuela Bakai parou de falar.

Olhava agora pela janela. Alice e Anahy olharam também. O silêncio só era quebrado pelo vento, que fazia barulho na janela. Lá fora se via o descampado da ilha. As três, como os Moais, pareciam pensar em

como aquela ilha cheia de árvores e pássaros deveria ter gente feliz.

- Não me conte que você desvendou o mistério!

Era Hokulê, junto com Lia e Chico, que chegavam do passeio.

- Hokulê, meu netinho querido! Vem cá me dar um abraço! - exclamou abuela Bakai.

- Ué, você também é avó do Hokulê?

- Eu sou avó de quase todo mundo dessa ilha, Alice!

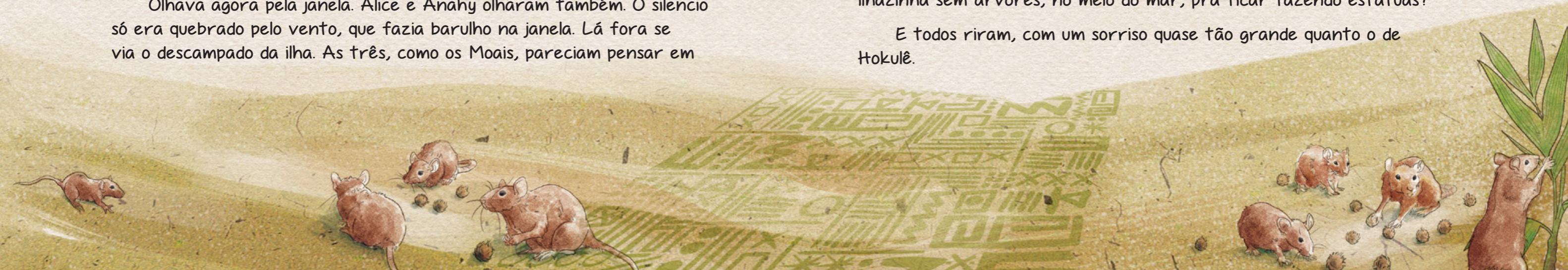
- Então você já sabia a resposta do mistério o tempo todo, Hokulê! Por que não me disse logo?

- Histórias não tem graça se a gente não respira elas, se a gente não deixa elas entrarem na gente. Se eu te contasse essa história, sem você ter respirado ela antes, talvez você nem lembrasse dela hoje. Foi procurando resolver o mistério que você torceu o pé, e foi por causa do pé torcido que conheceu nossa avuela, que conta essa história melhor do que ninguém.

- Então... foi assim que aconteceu, afinal? As palmeiras acabaram...

- É, alguns ainda acham que vieram extraterrestres aqui, esculpiram os Moais e os colocaram de pé. Mas, cá entre nós, se você tivesse um disco voador para voar pelo universo, viria parar numa ilhazinha sem árvores, no meio do mar, pra ficar fazendo estátuas?

E todos riram, com um sorriso quase tão grande quanto o de Hokulê.



- Gente, temos que ir para o aeroporto! - disse Chico, já começando os abraços de despedida.

Hokulê tirou do bolso um saquinho de pano e disse que era um presente para Alice. Alice agradeceu e abriu o saquinho. Era um pequeno globo do planeta Terra, encaixado na barriga de uma réplica de um Moai.

- Pra você não esquecer que nosso planeta, mesmo grande, é uma ilha!



- Oi Alice! Até que enfim você chegou! Como foi na Ilha da Páscoa? Trouxe os ovos?

Eram Martinha e Manu, suas primas, que já tinham chegado ao sítio do avô.

Alice, Chico e Lia tinham voltado da Ilha de Páscoa há uma semana. Agora, tinham acabado de chegar em Morretes, na tarde da sexta-feira santa, no sítio do avô Jorge, para passar a Páscoa.

- É páscoa pra lá, páscoa pra cá... - disse Alice, abraçando as primas - não trouxe ovos, mas muita estória pra contar.

Morretes é uma cidade pequena, no pé da Serra do Mar, a uma hora de Curitiba. O avô Jorge e a avó Tininha tinham se mudado para lá, depois de se aposentarem. Queriam morar no sítio, perto da natureza. E ali, na região de Morretes, ainda existe muita floresta. "Não tanta quanto quando eu era menino", dizia o avô, "mas muito mais que em outros lugares".

E Alice foi chegando e já contando sobre a Páscoa. Não sobre a Páscoa, Páscoa. Mas sobre a Ilha.

Foi a vó Tininha que a interrompeu:

- Peraí, Alice! Essa é uma estória que não dá pra contar assim, correndo, no meio das malas. Vamos passar pra dentro. Eu fiz um bolo de mandioca pra esperar vocês. Está saindo do forno. Enquanto vocês descarregam, vou tirando o bolo e passando um café. Aí vamos pra varanda comer bolo e ouvir tuas estórias. Pode ser?

A notícia fez todo mundo ficar com água na boca. E foi, então,

comendo bolo de mandioca, que Alice contou sua aventura na Ilha de Páscoa, dos coelhos que não apareceram ao presente de Tokulê.

Todos ouviam com atenção. Ficavam também tentando descobrir como os moradores da ilha tinham transportado e colocado de pé os Moais, até a Alice contar a estória da avó Bakai.

- Estranho a Ilha ser chamada de Ilha de Páscoa, já que Páscoa é renovação, e parece que lá o que aconteceu foi o contrário, né? - comentou a Martinha.

- Mas quando a família de Totu Matu'a chegou lá, há mil anos atrás, foi uma renovação para eles, não foi? perguntou a vó Tininha.

- É, acho que, no fundo toda história é assim, um vai e vem de coisas boas e coisas ruins, enquanto o tempo passa. E é com esse vai e vem que a gente aprende com as histórias a dar valor às coisas boas e lidar da melhor forma possível com as coisas ruins - arrematou o vô Jorge.

- Eu não sabia que Páscoa significa renovação... falou Alice.

- Páscoa é renovação, sim. Sabe por que? perguntou a vó Tininha.

- Porque a gente come muito chocolate e se sente renovada! □ falou Manu, a mais nova das primas, com toda a certeza. E não entendeu porque todo mundo riu.

- Já repararam que a Páscoa é sempre no início do outono? O que para nós, aqui na

parte sul do planeta, é início do outono, no hemisfério norte é o início da primavera. E lá, no inverno, neva muito e é muito frio. Quando a neve começa a secar e o calor do sol começa a ser sentido, as plantas começam a brotar e a bicharada começa a sair das tocas. O mundo de lá começa a ficar mais alegre e sorridente nessa época, depois de ter passado um período de muito frio. Então, as pessoas, desde há muito tempo, comemoram essa renovação, agradecendo aos céus por ela, na primeira lua cheia da primavera. É a Páscoa!

Foi aí que vô Jorge falou:

- Bem, pode ser que lá no hemisfério norte esteja começando a esquentar, mas parece que aqui em Morretes o verão ainda não acabou! Esse calor tá me dando sede. Alguém me ajuda a fazer um suco de jussara?

- Pobrezinha da Jussara, vovô! O que ela fez para você querer fazer suco dela? - perguntou Manu.

E todo mundo riu de novo. E de novo Manu não entendia por que.

- A Jussara que estou falando não é gente, não, Manu. É uma palmeira, que além de dar um palmito muito gostoso dá frutas maravilhosas. Hoje de manhã colhi três cachos de frutas de Jussara, que estão prontas pra virar suco! Vamos lá no paiol?

Manu, Martinha e Alice seguiram o avô até o paiol, onde ficava uma tal de despoldadeira que o avô tinha falado. Era com ela que eles iam fazer o suco.

A despoldadeira era uma máquina pequena,



onde o vô Jorge colocava frutas de Jussara de um lado e saía um suco grosso, de um roxo bem vermelho, do outro. As crianças ficaram com a tarefa de tirar as frutas dos cachos. Enquanto trabalhavam, Martinha falou:

- Que máquina legal, vovô!

- Fui atrás dessa despoldadeira depois que fiz um curso aqui perto, junto com o pessoal do assentamento. Eles começaram com essa ideia de fazer suco de Jussara, por aqui.

- O que é esse assentamento? - perguntou Alice.

- Assentamento é um pedaço de terra que não estava sendo usado para produzir comida e nem para conservar a natureza. No Brasil, tem uma lei que diz que nessa situação a terra deve ser distribuída para quem queira trabalhar nela. O governo então paga a terra para o proprietário e distribui para outras famílias, que formam o assentamento. Nesse assentamento aqui perto, o proprietário tinha desmatado quase toda a área, plantado capim e colocado gado. Só que ele colocou muitos búfalos e não cuidou direito da terra. Era muito búfalo pisando e amassando o chão, até que um dia nem mais o capim conseguia crescer direito. O proprietário tirou o gado de lá e foi desmatar outro lugar. O que sobrou foi uma terra fraca, toda amassada. Foi essa terra que virou assentamento.

- Mas se nem o capim conseguia crescer, como as famílias que chegaram conseguiram plantar alguma coisa? - perguntou Alice.

- Elas se organizaram e começaram a trabalhar juntos, num jeito chamado de mutirão. Trabalhar junto, em mutirão, dá muito mais resultado, e é bem mais divertido. Nós, aqui, estamos fazendo um suco em mutirão, conversando e trabalhando ao mesmo tempo, e a gente

nem vê o tempo passar não é?

- E olha quanto suco a gente já fez! - falou Martinha, apontando para o balde de suco.

- É mesmo - concordou o vô Jorge, já misturando o suco com um pouco de água, colocando gelo e servindo às netas. Além de trabalhar em mutirão, os assentados começaram a plantar de um jeito diferente, que eles chamam de agrofloresta. Na agrofloresta, eles cuidam da terra, dando alimento para os bichinhos que vivem ali. Esse alimento são folhas, cascas e galhos de árvores, que são cortados e colocados com muito cuidado no chão. E os bichinhos agradecem, fazendo buraquinhos na terra e deixando ela fofa, por onde pode passar ar e água. Aí, as raízes das plantas conseguem crescer. E haja planta! Na agrofloresta, se planta muita coisa junto, e vai se podando cada árvore para que cada planta possa sentir a luz do sol. Quando se tiram galhos das



árvores mais altas, a luz passa para as plantas mais baixas e também pega melhor na própria árvore de onde se tirou os galhos. Com mais luz, as plantas produzem mais flores e mais frutas.

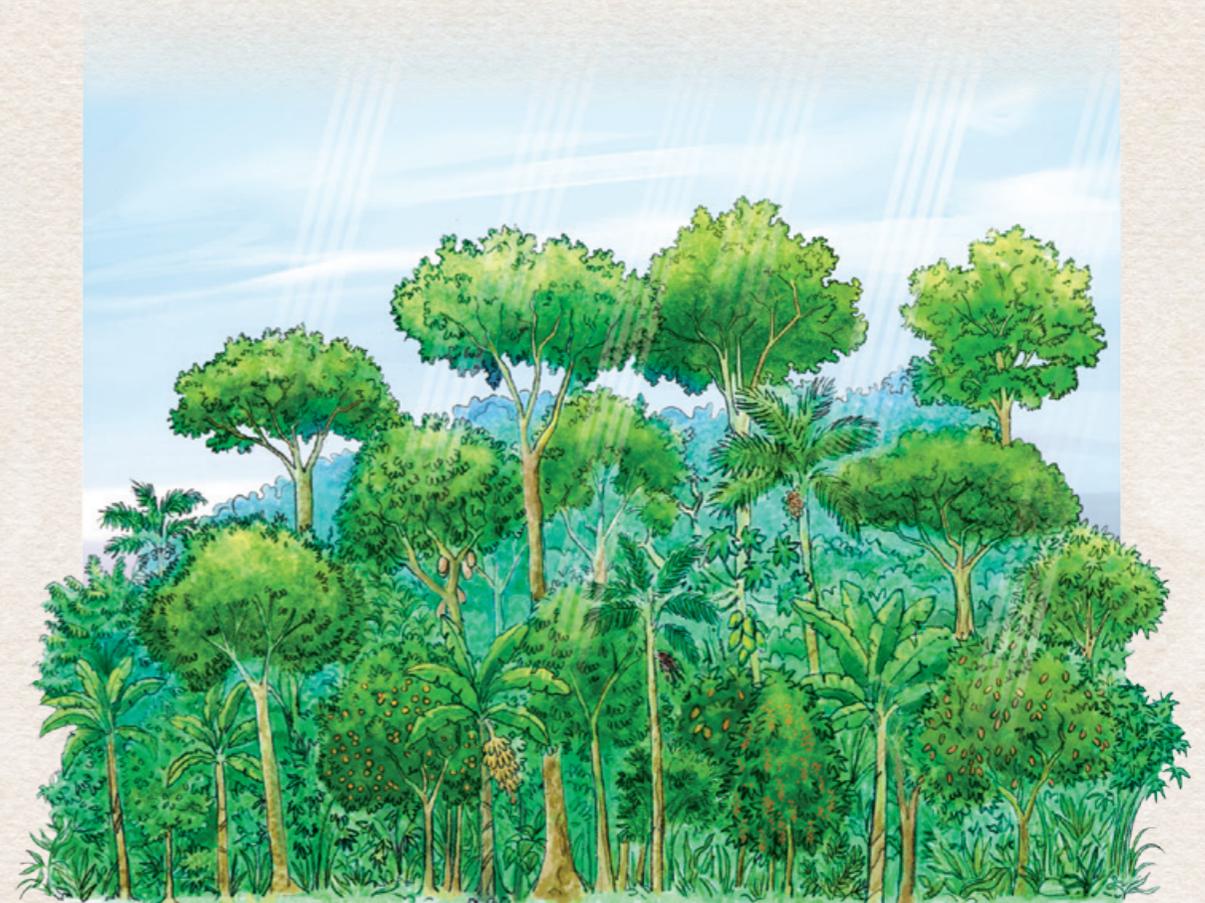
- E o que é feito com os galhos? - perguntou Manu.

- São picados em pedaços pequenos e colocados para os bichinhos da terra. É cada vez mais alimento para eles. Ao se alimentarem, eles também transformam os galhos e folhas em comida pronta para as plantas, de onde mais folhas e galhos virão como alimento para a terra. Aí, a terra fica cada vez mais rica. Além disso, a água não vai embora da agrofloresta. Mesmo quando fica um tempo sem chover, a terra permanece úmida, porque as plantas grandes e pequenas fazem uma barreira de proteção, mantendo a água ali. E com tanta proteção, tanta água, tanta luz e tanta fertilidade, dá pra plantar muita coisa junto, que tem alimento pra todo mundo. Dessa forma, num pedaço pequeno de chão, a gente pode ter mandioca, banana, cana de açúcar,

mamão, laranja, palmeira jussara...

- Essas frutas que a gente está bebendo o suco vieram de palmeiras de Jussara da minha agrofloresta, que eu aprendi a fazer □
continuou o vô Jorge - Além da Jussara produzir todas essas frutas, ela ajuda a proteger do vento as outras ervas e árvores que eu plantei pelo meio. E como ela produz muita fruta, não é só a gente que colhe. Todo dia, um monte de tucanos e tirivas fazem seu lanchinho na agrofloresta. Eles levam as sementes para plantar em outro lugar e, na agrofloresta, sempre sobra fruta. Todo mundo ajuda todo mundo. Hoje, lá no assentamento, quase já não tem mais terra amassada e sem vida. O que tem é agrofloresta e gente feliz. A vida foi renovada.

- Palmeira, banana, cana de açúcar, mandioca... tudo plantado



junto... gente feliz... perai! Era assim quando Hatu Matu'a chegou na ilha de Páscoa, há mil anos! - lembrou Alice.

- Olha só! É mesmo! Bem como você contou agora à tarde! □ lembrou o avô - A história é cheia de renovações, não é?

Alice ficou reparando o balde cheio de sementes de Jussara, que tinham sido separadas na despoldadeira.

- O que você vai fazer com essas sementes, vô? - perguntou Alice.

- Estão faltando só alguns pedaços de terra no assentamento para virar agrofloresta. Amanhã, vou levar as sementes que a gente está separando da polpa pra lá. Com elas, vou ajudar a plantar uma agrofloresta, em mutirão!

♡♡♡



- Ué, será que o coelhinho da Páscoa veio mais cedo esse ano? Hoje ainda é sábado e tá cheio de ovinhos de chocolate pela casa - falou a vó Tininha.

Ouvindo isso, as crianças pularam da cama. Foi Manu que achou o primeiro ovinho e logo pôs na boca. Mas quando mordeu, sentiu que era duro, e não era de chocolate.

- Isso não é ovo de páscoa! - falou Manu, decepcionada.

- Parece... semente de Jussara! exclamou o vô Jorge, examinando um ovinho e olhando meio desconfiado para Alice, que foi a última a sair do quarto - O coelhinho agora, além de resolver chegar mais cedo, mudou o presente!

- Mas não precisa mudar a diversão! - lembrou Chico - que tal todo mundo ajudar a procurar as sementes, como a gente faz com os ovinhos de chocolate, e todo mundo ir com o vô Jorge no mutirão de plantio da agrofloresta no assentamento, depois do café?

Todos adoraram a ideia. E era muita semente espalhada em todo o canto, e todo mundo catando... no meio da brincadeira, o vô Jorge, chegando perto de Alice, perguntou:

- Dormiu bem, minha netinha?

E Alice, num bocejo satisfeito e preguiçoso, falou:

- Pra falar a verdade, tive um sonho, no meio da noite. Sonhei com uma palmeira de Jussara, pequenininha, que foi crescendo, crescendo, até ficar muito grande, do tamanho do mundo. Aí ela me abraçou com suas folhas, tão forte, tão forte, que acordei. E não dormi mais.

PERGUNTAS ORIENTADORAS PARA A REFLEXÃO E TROCA DE IDEIAS:

Conforme colocado no início dessa cartilha, são propostos aqui blocos de perguntas e atividades para a orientação da reflexão e troca de ideias, a serem estimulados por professores, alunos, extensionistas e lideranças comunitárias, em escolas e/ou em reuniões na comunidade.

A ideia é trabalhar com cada bloco em momentos diferentes.

Em cada bloco (com exceção do Bloco 2, para ser feito em casa), o ideal é propor que os participantes respondam a cada pergunta separadamente, trazendo as respostas gradativamente para a reflexão conjunta. As últimas perguntas de cada bloco se referem a atividades que podem ser desenvolvidas pelo grupo.

Bloco 1

1.1 A Páscoa era (e ainda é) celebrada para comemorar a renovação trazida pela primavera, nos lugares frios do hemisfério norte. Quando você comemora a Páscoa, celebra também alguma renovação? Qual?

1.2 Muitas datas comemorativas que temos no calendário nacional podem não representar celebrações em que nos sentimos parte. Nem sempre identificamos a celebração da Independência do Brasil ou da Proclamação da República, por exemplo, como algo que fazemos parte. Sem ser parte, a celebração perde seu sentido. Quando fazemos parte da celebração, ela traz alegria e fortalece nossa relação com o que está sendo celebrado. Faz muito mais sentido celebrar a vitória de seu time de futebol do que de qualquer outro time, ou o aniversário de um amigo do que um aniversário de um desconhecido!

Assim, que valores, fatos históricos, pessoas ou fases e forças da natureza você acha que deveriam ser celebrados no lugar onde você vive, e ainda não o são? Por que você acha isso?

1.3 Escolha em conjunto com seu grupo uma ou algumas celebrações propostas e proponham como essas celebrações poderiam ser organizadas (data, horário, local, forma de celebração, etc). É possível colocar em prática essas celebrações? Em caso positivo, organize a celebração ou as celebrações selecionadas.

Bloco 2

(para fazer em casa e depois apresentar e discutir com o grupo)

1.1 Faça um pequeno resumo do jeito de fazer agrofloresta, explicado pelo Avô Jorge.

1.2 Você reparou como o plantio e manejo de uma agrofloresta aproveita os processos naturais? Se possível, no caminho para casa, ou em um passeio, procure uma área de floresta, mesmo que seja uma capoeirinha começando a crescer em um terreno baldio, que não seja perigoso ou proibido entrar. Procure identificar, em um pedaço dessa floresta:

- Existem plantas que estão com suas folhas mais altas e outras mais baixas, formando diferentes “andares” ou estratos?
- Você sabe o nome de algumas dessas plantas?
- Você consegue observar alguma planta que já está secando, dando lugar a outra que está mais embaixo?
- Na borda dessa floresta, ou em alguma clareira, é possível perceber a luz chegando nesses diferentes “andares”?
- Debaixo das plantas da floresta, a terra está mais seca ou mais úmida que fora dela?
- Debaixo das plantas da floresta, tem folhas que caíram das plantas ajudando a proteger a terra?
- Debaixo das plantas da floresta, é mais fácil ou mais difícil achar insetos, minhocas e outros pequenos animais?
- Debaixo da floresta, é mais quente ou mais frio que do lado de fora?
- Debaixo da floresta, venta mais ou venta menos que do lado de fora?
- Desenhe a floresta que você analisou, indicando no desenho o que foi identificado a partir das perguntas acima. Não precisa ser nenhum trabalho de artista! O desenho não precisa ficar bonito, só indicar o que foi visto.

2.2 Você ou sua família planta em forma de agrofloresta, ou você conhece alguém que faça agricultura desse jeito? Se você conhece, traga informações de quem faz agrofloresta sobre como essa forma de fazer agricultura é diferente da forma convencional. Se não conhece, pesquise em livros ou na internet, sobre alguma experiência de plantio ou manejo agroflorestal, relatando suas principais vantagens (se for necessário, use nesta pesquisa os livros e vídeos apresentados ao final da cartilha, de acesso gratuito). Como o jeito de fazer agrofloresta

aproveita o “trabalho” que a floresta faz para proteger a terra, manter a temperatura mais agradável, reduzir o vento e aumentar a vida (aproveite a lição observada na observação que você fez na floresta para responder à questão anterior).

2.3 Em que o jeito de fazer agricultura dos que chegaram à Ilha de Páscoa, no início de sua civilização, era parecido com o jeito de fazer agrofloresta?

2.4 Um pensador, de nome Don Paarlberg, afirmou certa vez que a agricultura familiar “não é apenas uma forma de produzir safras e criações; é uma forma de produzir gente – boa gente”. Você acha que fazer agricultura, seja do jeito que era feito no começo da civilização da Ilha de Páscoa, seja do jeito que é feito na agrofloresta, tem a ver com a alegria, a solidariedade ou qualquer outro valor de quem a pratica? Por que?

Bloco 3

3.1 De acordo com a história da Ilha de Páscoa, a construção e erguimento dos moais eram uma forma de celebração. No começo, de toda a comunidade e, depois, de grupos separados. Nessa história, o que acontecia de diferente e como estava o ambiente no começo e no final da civilização da Ilha de Páscoa? O jeito de celebrar, na comunidade toda ou em pequenos grupos, tem alguma coisa a ver com essas diferenças?

3.2 Quando Hokulê se despediu de Alice, ele a presenteou com um pequeno globo do planeta Terra, encaixado na barriga de uma réplica de um Moai, lembrando a ela que nosso planeta, mesmo grande, é uma ilha. O que você acha que Hokulê quis dizer com isso? Você concorda com ele?

3.3 Que hábitos e costumes, na sua forma de ver, contribuíram para a extinção da civilização da Ilha de Páscoa? Na sociedade moderna, existem hábitos e costumes parecidos? Quais? É possível mudar estes hábitos? Como?

3.4 Em uma conversa entre Alice e o Avô Jorge, ele lembra que a “história é cheia de renovações”. O que é possível fazer na sua casa, no seu bairro, na sua escola ou na sua comunidade, para buscar hábitos e costumes que valorizem o cuidado com as pessoas e a natureza?

Bloco 4

Após a reflexão a partir das respostas e atividades dos blocos anteriores, é importante aplicar este bloco como discussão e encaminhamentos em grupo:

- É possível implantar uma agrofloresta junto com este grupo de estudos?
- Onde ela poderia ser implantada?
- Quem poderia estar envolvido?
- Como planejar o plantio?
- O que seria necessário (sementes, ferramentas, etc) e está disponível de usar?
- Se alguns insumos ou ferramentas não estiverem disponíveis, como é possível consegui-los?
- Como vai ser o envolvimento de cada um, desde o plantio até as práticas de manejo?
- O que poderá ser feito com os produtos colhidos?
- Essa agrofloresta poderá ajudar outras pessoas a aprender sobre essa forma de fazer agricultura? De que forma?

O produto dessa troca de ideias, na forma de resposta a estas perguntas, é um projeto coletivo. Agora, cabe ao grupo “colocar a mão na massa”, implantado esse projeto!

O futuro na nossa civilização, nessa ilha planetária, depende de renovações!



Agrofloresta do Grupo Agroflorestal do Pantanal em Morretes -PR



Agroflorestas do Assentamento José Lutzenberger em Morretes -PR

PARA IR ALÉM

Para quem quiser conhecer mais sobre a civilização da Ilha de Páscoa, há um capítulo muito interessante no livro “Colapso: como as sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso”, de Jared Diamond, publicado pela Editora Record, em 2012 (8 Edição).

Sobre os fundamentos e as experiências em agrofloresta da Cooperafloresta, há dois livros disponíveis gratuitamente na rede mundial de computadores (internet):

O livro “Agrofloresta, ecologia e sociedade”, organizado por Walter Steenbock, Leticia da Costa e Silva, Rodrigo Ozelame da Silva, Almir Sandro Rodrigues, Julian Perez-Cassarino e Regiane Fonini, patrocinado pela Petrobras (através do Programa Petrobras Ambiental) e publicado pela Editora Kairós, em 2013; e o livro “Agrofloresta: aprendendo a produzir com a natureza, de autoria de Walter Steenbock e Fabiane Machado Vezzani e ilustrações de Claudio Leme, publicado por Fabiane Machado Vezzani, também em 2013.

Na internet, há também alguns vídeos gratuitos, disponibilizados a partir do patrocínio da Petrobras, por meio do Programa Petrobras Ambiental, sobre os fundamentos e técnicas agroflorestais utilizada pelos agricultores e agricultoras da Cooperafloresta:

- Agroflorestar, semeando um mundo de amor, harmonia e fartura. (https://www.youtube.com/watch?v=rU9W_FBHwvA)
- Agroflorestar, implementação manual e semimecanizada de canteiro agroflorestal (<https://www.youtube.com/watch?v=RSTF-ShrmLQ>)
- Agroflorestar, manejo de agrofloresta de 5 anos (<https://www.youtube.com/watch?v=WdF1iH7j9NA>)

No sites do Projeto Agroflorestar (www.agroflorestar.com.br) e da Cooperafloresta (www.cooperafloresta.com.br) você pode encontrar também boletins informativos, calendários, cartilhas e outros materiais!



PROJETO AGROFLORESTAR

Realização



Patrocínio

